

## O POÇO DAS PIRANHAS

FOI, DURANTE MUITOS ANOS, dono do sítio Monte-Flor, o capitão Damasceno Mendonça, que vendera seu cartório de tabelião, em Fortaleza, e se retirara da vida ativa, para descansar seus últimos dias naquele rincão fresco e farto da serra de Baturité. Constava o sítio de meia légua quadrada de boas terras, poucos altos e muitas vazantes, pequeno açude à beira da estrada, engenho primitivo de moer cana, bolandeira para desmanchar farinha e uma casa grande, assoalhada, pintada de amarelo, com alpendrada corrida, em redor.

Na monarquia, antes da abolição, prédio e terras pertenceram à célebre família dos Rodovalhos, possuidora de muitos sítios de banana e café, na serra, e de várias fazendas de criar, nos sertões de Canindé e da Pedra Aguda. Gente bárbara, semifeudal, torva, valente, cruel e cheia de formidável orgulho. Temida por toda a parte, devido à sua união, que armava todos os irmãos e primos, com as súcias de cabras, à menor ameaça que a um deles alguém tivesse a ousadia de fazer. E contavam dos Rodovalhos um rol de estórias de arrepiar.

Mas o tempo lhes destruiu o poderio. Decaíram pouco a pouco. Os últimos rebentos venderam o Monte-Flor, solar familiar, capital de suas propriedades, àquele pacífico tabelião. De muito longe o conhecia, relações antigas de família, e muito gostava de sua franqueza e bondade. Duas, três vezes por ano, largava meus trabalhos e ia passar uma semana em companhia do velho e de dona Raimundinha, sua mulher, na casa rodeada de laranjais do sítio hospitaleiro.

Levava vida ociosa e relativamente divertida. Acordava às seis da manhã para o banho no açude, após o qual me serviam uma tigela fumegante de café com leite, queijo de manteiga e de coalho, cuscus e biscoitos de milho. Saía a cavalo, galopando pelas estradas limpas, de barro socado, num melado-caxito esquipador e passarinho, até Guaramiranga, onde palrava instantes com amigos, na botica, até

Pernambuquinho, onde conversava um pouco com um vendeiro conhecido, ou mesmo até Pacoti, onde tomava uma “xícara-dedal” de café bem preto com o filho do Anastácio Correia, chefe político governista.

Às dez horas, estava de volta e a negra Tereza servia o almoço farto e saboroso: picadinho com jerimum, galinha de cabidela, massada, laranjas em calda e café. Fumava uma caximbada na rede da varanda, olhando a luz do sol brincar nas águas do açude e “pro-sando” com o Damasceno. Jogávamos gamão, dormíamos à sesta, caçávamos mocós de espera, ou nambus de pio, passeávamos a pé, íamos visitar um vizinho, ou descíamos até Baturité, para tratar de negócios, somente regressando à noite. A não ser nestas descidas, jantávamos às quatro horas da tarde e jogávamos gamão até a hora de dormir, quando na treva densa tremeluziam vagalumes.

Um dia, não sabendo o que fazer, inventei uma pescaria. Passamos horas ao sol, no açude, de anzol e tarrafa. Pegamos somente três curimatãs magras. Desapontado, disse que preferia pescar nas lagoas do litoral, para os lados de Aquiraz e Messejana, onde tinha amigos que me convidavam. Lá não faltavam uiriús, piabas, carás, gargarus, morés, jundiás, jacundás, mil outros peixes.

O velho, temendo que lhe faltasse de quando em quando, a alegria de minha presença, explicou-me que, por motivos vários, nas águas doces das serras havia sempre muito menos peixe do que nas do sertão, ou da costa. Entretanto, prometia ensinar-me um lugar, que eu não conhecia, dentro do próprio sítio, onde pescaria com abundância, pois os antigos proprietários tinham criado ali um viveiro de cangatis, traíras, pias, branquinhas e piranhas. Chamava-se o poço das Piranhas, tantos desses bichos vorazes continha. Conduzir-me-ia lá no dia seguinte.

Fomos, depois do almoço. O poço ficava no sopé dum alto, sob as copas verde-negras de árvores imensas, lugar ermo, umbroso e úmido. Havia como que lodo até no ar. Os troncos do arvoredor, os galhos, os cipós, as pedras estavam cheios de limo. Ciciavam insetos. A luz do sol não atravessava as frondes compactas. E a água quieta, sinistra, estendia-se na sombra sem uma ruga, muito escura.

Baixei-me e nela mergulhei a mão. Era fria como gelo. Preparei o anzol com uma minhoca e ia atirá-lo na água, quando o velho Damasceno falou:

— Ainda o não tinha trazido até aqui, porque este poço tem uma estória de fazer medo.

Logo, com a atenção despertada, a curiosidade esporeada, arranquei o anzol da água profunda e negra, pedindo-lhe me dissesse o que sabia. Ele demorou calmamente os olhos nos meus e contou:

— Não juro que seja verdade, porém um velho escravo da família, que ainda encontrei aqui, dizia ter visto tudo. Se mentia ou caducava, isso é lá com ele. A mim repetiu o caso antes de morrer, asseverando que me não pregava peta. Juramento de moribundo, você sabe, é coisa sagrada! Na hora da morte, só mesmo um endemoniado é capaz de mentir. João Rodovalho, pai do Manoel, que me vendeu o sítio, casou no Aracati com uma moça alta e alourada, da família Martinho, bonita como quê! E tinha um “xodó” por ela “que nem” cachorro em certos tempos. . . Mulher, diziam os antigos, é pior do que três diabos de sociedade. Consta que essa valia mais do que quatro, na manha. O certo é que o Rodovalho descobriu, no fim do segundo ano de casado, e bem descobertos, os amores dela com um mulato moço e bem parecido, que lhe servia de pajem. O negro velho jurou-me que fizera os escravos de confiança porem ambos nuzinhos em pêlo, como vieram a este mundo, de pés e mãos amarrados, mandando atirá-los dentro desta água perigosa. Em segundos, milhares de piranhas devoraram os desgraçados. Ficou somente em cima do poço uma grande mancha de sangue! . . . O escravo moribundo disse que viu tudo. . .

Enrolei o cordão do anzol, em espiral, na vara flexível e propus ao velho amigo:

— Vamos para casa?

— Vamos.

E, sob a compacta fronde das árvores, a água sinistra e negra, sem uma ruga, estendia a sua frialdade, silenciosamente. . .